

BEM VIVER

Uma alternativa à ideia de desenvolvimento

Célio Turino

Resgatar e ressignificar valores ancestrais passa por compreender a dimensão da performance como elemento essencial para a construção do pensamento e do universo narrativo. Performance remete à prática da enunciação, em que a linguagem se apresenta não apenas em sua forma racionalizada, sistematizada na escrita, mas como ferramenta viva, por isso instável. A linguagem performática mistura, em uma só narrativa, um conjunto de expressões, como música, dança, memoração, causos, lembranças, aforismos. Essa multiplicidade de meios de expressão e gêneros textuais, ao contrário do que uma visão colonizadora do conhecimento tenta impor, enriquece a narrativa por dispor de várias formas de inteligência, e por interagir com o público. Ela jamais é estática. É essa dinâmica capacidade de troca, entre narrador e ouvinte, invertendo papéis na própria narração, que dá potência transformadora ao ser comunitário e às culturas tradicionais. Ela insere na narrativa processos de disputa e crítica, de transgressão e ruptura.

Na América Latina, sobretudo na América andina, essa ressignificação acontece pelo resgate do *sumak kawsay*, do povo quéchua; ou *suma qamaña*, dos aimarás; ou *teko porã*, dos guaranis, o povo das terras baixas. São práticas milenares e que possibilitaram uma profunda conexão entre as sociedades humanas e os demais seres que habitam o planeta. Do *sumak kawsay* nasce o conceito do *Bem Viver*. Mais que um conceito, um modo de vida que nos abre a oportunidade para imaginar novos mundos. O *teko porã* dos guaranis significa “um modo bom de viver em comunidade”. *Teko*, casa, ou, mais precisamente, vida em comunidade; *porã*, o belo, o bonito, o bom.

Esse conceito está presente também no modo de ser dos povos indígenas na floresta Amazônica. Nessas civilizações florestais, verdadeiras *florestações*, se comparte a ideia de que o mundo é povoado de seres, todos dotados de consciência, cada qual percebendo a si mesmo e às outras espécies a partir de sua perspectiva, no que o antropólogo brasileiro, Eduardo Viveiros de Castro, conceituou como *perspectivismo xinguano* – o modo dos indígenas amazônicos de perceber e conceber a realidade. Esse

entendimento de que todos os seres são dotados de sentido percorre as Américas; da Terra do Fogo ao Alasca, dos mapuches aos inuítes. E ultrapassa continentes, está presente nas vivências com Dersu Uzalá, na Sibéria, com os povos polinésios, os bosquímanos na África, os celtas na Europa. Tudo na vida tem sentido, de um grão de areia às formas de vida mais complexas. É o que os povos ancestrais têm a nos ensinar.

A contemporânea proposta do Bem Viver, aplicada na Constituição de países como Bolívia e Equador, com o reconhecimento dos direitos da *Pachamama*, não encara a Mãe Terra, ou a Natureza, como um cesto de recursos a serem explorados, mas como uma comunidade da vida, em que todos os seres precisam ser reconhecidos como sujeitos de direitos. A base para esse reconhecimento está na ideia de que os seres são dotados de dignidade própria, devendo ser respeitados e sacralizados, isso porque a vida é sagrada. É o oposto do antropocentrismo.

Nas sociedades capitalistas, de tão colonizadas, de tão formatadas em processos de educação que negam outras formas de inteligência e percepção, sobretudo na dimensão do sensível. Não se admitia a hipótese de que povos ancestrais pudessem produzir filosofia, ética e modos de vida refinados, por não serem dotados da escrita conforme conhecemos. Negando-se o reconhecimento à filosofia desses povos, sob a justificativa de que suas sabedorias não são sistematizadas nem racionais, porque transmitidas pela oralidade e fundadas em métodos outros de inteligência e observação, que não os da ciência *stricto sensu*, nega-se a possibilidade de diálogo e de reinvenção da própria vida. Além das diversas expressões da filosofia e da ética ancestral encontradas no continente americano, há outras, também em intensa pulsação: a permacultura, a cultura da permanência, baseada no modo de vida dos aborígenes da Austrália; a ética e a filosofia ubuntu, aplicada por Nelson Mandela e Desmond Tutu no processo de superação do *apartheid* na África do Sul. Esses modos de pensar, de ser e agir revelam toda uma vitalidade que permite a reinvenção do futuro a partir do resgate de filosofias ancestrais.

Atualmente, o grande desafio da civilização humana é romper com o antropocentrismo. Trata-se de um imperativo ético-filosófico, e de sobrevivência da própria vida humana tal qual conhecemos. Superar o pensamento e o modo de agir do antropocentrismo diz respeito à própria existência, pois se o antropoceno não for modificado a tempo, a humanidade será levada à autodestruição. O planeta poderá seguir independente de nós, mas com um ecossistema bastante alterado e aviltado, exatamente

por reflexo da intervenção humana, desmensurada em sua ambição e prepotência. Mesmo em caso de sobrevivência da espécie humana, talvez convivendo com a espécie pós-humana, o resultado poderá ser aterrador, em ambientes de barbárie, desolação e desigualdade nunca dantes imaginados.

Ou começamos a praticar outros modos de vida, mais biocêntricos e plurais, ou sucumbiremos em meio a uma ética da exploração e do descarte, de tudo e de todos. Superar o antropoceno e o modo de produção capitalista e produtivista – e também socialista, quando reproduz os mesmos vícios intrínsecos ao capitalismo, a partir da lógica produtivista, em que a exploração não tem limites – é condição indispensável para a recuperação da dignidade própria da vida.

Bem Viver não é uma alternativa de desenvolvimento, e sim uma alternativa *ao* desenvolvimento, tal qual o mundo ocidental conceituou a ideia de desenvolvimento. Seria muito mais um *re-envolver*, um *conviver*, do que um *des-envolver*, de separar, segregar. Enquanto o *des-envolver* separa os humanos de sua condição de natureza, o Bem Viver junta, une, religa, harmoniza. Uma harmonia que se estabelece em três dimensões: do indivíduo com ele mesmo, do indivíduo com a coletividade humana e da coletividade humana com os demais seres. É uma ética e uma filosofia que se afirmam no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres. Bem Viver implica uma profunda conexão e interdependência com a natureza, na vida em pequena escala, sustentável e equilibrada, tendo por fundamento o fortalecimento de relações de produção autônomas e autossuficientes. Também se expressa na articulação política da vida, em práticas construídas em espaços comuns de socialização, coletivos culturais e artísticos, jogos, brincadeiras e manifestações em parques, jardins, teatros, museus, bibliotecas, hortas urbanas ou palácios. Independe o local ou a estrutura.

A vida é intangível e se espalha em abundância, acontecendo em tudo e todos, tornando o Bem Viver uma Cultura Viva. Um modo “performático” de vida social e política, integrando racionalidade e emoção, como uma experiência vivida, ou simplesmente “vivência”, como o antropólogo Victor Turner conceitua. Essa experiência, a partir da narrativa performática, é constituída por cinco momentos:

a) percepção, resultando em sensação de dor ou prazer, de êxtase e maravilhamento;

b) evocação a referências passadas, via imagens de linguagem;

- c) emoções revividas, associadas a referências passadas;
- d) o sentido narrativo da conexão entre passado e presente;
- e) a experiência como resultado da expressão performática intensa.

É a performance como processo, que só se realiza plenamente nas culturas tradicionais e comunitárias. Um ato narrativo que “realiza” a experiência. Uma forma intensa de transmutar a percepção do eu a partir da observação do outro. Como apontado por John Dewey, “toda cultura tem sua individualidade coletiva”¹. O Bem Viver é, ao mesmo tempo, um modo de vida, alicerçado em práticas ancestrais, como filosofia e ética de futuro aplicadas na contemporaneidade. Uma ideologia da práxis ancestral, oferecida como ética de vanguarda àqueles que querem tentar, se aventurar, se arriscar. É também uma epistemologia do Sul, composta em forma narrativa a evocar a experiência de povos insubmissos.

Walter Benjamin chama atenção para processos de apagamento da memória, de esquecimento, vividos nas experiências contemporâneas. Ele retoma a tessitura narrativa, encontrada na Grécia Antiga, referindo-se ao tapete de Penélope, que à noite, na espera de Ulisses, desfaz o que teceu no dia. Em “O narrador”, Benjamin demonstra que a tradição oral decorre da poesia épica:

Somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.²

O encantamento contemporâneo com o ancestral e o comunitário reside exatamente nesse toque mágico, fazendo o expectador/leitor/participante perceber a

¹ John Dewey, *Arte como experiência*, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

² *Ibidem*, p. 203.

realidade de forma diferente, “livre para interpretar a história como quiser” e, a partir daí, convidando-o a entrar na história como sujeito. Ainda em Benjamin:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.³

Bem Viver não consiste em voltar ao passado, aprisionando-se em uma ancestralidade imutável, reproduzida em estética contemporânea. Assim como não se deve confundir bem viver com o *viver melhor* capitalista, sustentado na exploração máxima dos recursos disponíveis, até que as fontes básicas da vida sejam exauridas. Promovendo o encontro entre as culturas vivas, baseadas na ancestralidade, o Bem Viver se reinventa na busca por uma vida mais justa, que se contraponha à iniquidade própria do capitalismo, em que apenas poucos podem viver bem em detrimento da grande maioria. E as narrativas são dominadas por menos ainda. É um encontro polifônico, criativo, solidário, sustentável. Vivo porque dinâmico, o oposto de uma cultura mercantil, coisificada, tornada cultura morta; da mesma forma que uma mesa de madeira é árvore morta. O bem viver e a cultura viva também pressupõem o direito de amar e ser amado, com o florescimento saudável de todos os seres e o prolongamento indefinido das culturas, sua recriação e intersecção; o tempo livre para a contemplação, a ampliação das liberdades, capacidades e potencialidades de todos e de cada um. É a cultura da alegria, da amorosidade e da potência. É a economia da partilha, da reciprocidade e do cuidado. É a política da vida.

O Bem Viver tem sido praticado há milênios pelos povos originários deste vasto continente que veio a ser chamado de América. Há poucas décadas, começou a ser estudado, sistematizado e conceituado por teóricos e acadêmicos, sobretudo nas universidades andinas de Quito e La Paz, na Bolívia, e em Assunção, no Paraguai. Entre as principais referências, o economista equatoriano Alberto Acosta, que também foi presidente da Assembleia Constituinte do Equador, realizada em Montecristi em 2007, quando o Equador foi o primeiro país a incorporar os direitos da natureza na Constituição (posteriormente a Bolívia também o fez). Esse é um conceito totalmente diferente da lógica da preservação ambiental existente nos países ocidentais. Nesses países, a defesa do meio ambiente segue a lógica de servir aos humanos, e não o princípio da dignidade

³ *Idem*, p. 205.

própria da natureza, que precisa ser reconhecida como sujeito de direitos. Para o Bem Viver, há o direito das águas de seguir seu curso; reconhece-se que as águas são dotadas de inteligência, devendo ser respeitadas em sua pureza e preservadas da imundície e da putrefação – não para servirem aos humanos, mas pelos direitos próprios dos seres que habitam os cursos d’água. O mesmo acontece com os bosques e as florestas, reconhecidos como fontes de vida, sistemas em que outros sistemas coabitam; assim como as montanhas têm o direito de seguir sendo montanha; as pedras, pedras; os animais, animais; as plantas, plantas. É a dignidade da vida. Essa mudança de paradigma, expressa em reflexões e ações, eleva o Bem Viver a outro patamar de reconhecimento e legitimidade cultural, social e científica. Isso não significa uma volta ao passado, aplicando acriticamente um modo de vida ancestral; ao contrário, o resgate da ideia de Bem Viver é um passo ao futuro. A relação é a mesma de quando tratamos da ideia de democracia, que não significa um retorno à democracia ateniense, aristocrática e patriarcal, mas à sua radicalização em processos contemporâneos. Conforme Acosta:

“O bem viver, como alternativa ao desenvolvimento, é uma proposta civilizatória que reconfigura um horizonte de superação do capitalismo. Isso não significa – como disse Mónica Chuji, indígena e ex-deputada constituinte de Montecristi – “um retorno ao passado, à Idade da Pedra ou à época das cavernas”, tampouco uma negação à tecnologia ou ao saber moderno, “como argumentam os promotores do capitalismo”. José María Tortosa vai além, ao sintetizar que “o bem viver é uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã em diversidade e harmonia com a Natureza, a partir do conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo”. E isso significa, conclui o sociólogo português Boaventura de Souza Santos, que o bem viver é “um conceito de comunidade onde ninguém pode ganhar se seu vizinho não ganha. A concepção capitalista é exatamente oposta: para que eu ganhe, o resto do mundo tem que perder”.⁴

Ao se aproximarmos do bem viver ameríndio também nos aproximamos da ética e da filosofia ancestral africana. *Ubuntu*: “eu sou porque nós somos”, ou “força

⁴Alberto Acosta, *O bem viver*, Autonomia Literária; Elefante, 2015, p. 76.

em movimento”); do banto: *ubu*, força; *untu*, movimento. Para o ubuntu, viver em comunidade é romper com o individualismo, resgatando a sensação de pertencimento à unidade na diversidade. O resgate dessa filosofia tradicional coloca a emancipação e a cidadania em novos patamares, fazendo que a interdependência e a colaboração, intracomunitária e entre comunidades, se realizem em processos de diálogo, consenso, inclusão, compreensão, compaixão, partilha, cuidado e solidariedade. A humanidade de todos e de cada um está indissolivelmente ligada à humanidade dos outros; eis é a síntese do *ubuntu*. No ambiente comunitário do *ubuntu* os encontros precisam ser festivos, acolhedores, generosos. Performáticos. Assim as comunidades se fazem fortes, potentes, resilientes. Não há como praticar a filosofia *ubuntu* sem estar aberto e disponível aos outros, e é com essa atitude que a pessoa não se sentirá intimidada, ganhando coragem e autoconfiança para se colocar no mundo. Para a ética *ubuntu* não é possível que uma pessoa esteja bem se o entorno dela não estiver bem. Segundo Desmond Tutu:

“...a minha humanidade está presa e está indissolivelmente ligada à sua. [...] Eu sou humano porque pertença. [...] [*Ubuntu*] fala sobre a totalidade, sobre a compaixão. Uma pessoa com *ubuntu* é acolhedora, hospitaleira, generosa, disposta a compartilhar. A qualidade dá às pessoas resiliência, permitindo-lhes sobreviver e emergir humanas, apesar de todos os esforços para desumanizá-las. Uma pessoa com *ubuntu* está aberta e disponível aos outros, assegurada pelos outros; não se sente intimidada com o fato de os outros serem capazes e bons, pois ele ou ela tem uma autoconfiança que vem de saber que ele ou ela pertence a um todo maior.⁵

Uma filosofia ancestral que se espalhou por toda a África, tratando dos mesmos valores de compaixão, partilha e totalidade expressos em muitas outras filosofias e religiões, e que tem muito a nos ensinar. A aproximação entre a cultura do encontro e a cultura viva comunitária, e destas com as filosofias do bem viver e *ubuntu*, promove a descolonização de mentes e corpos, fazendo que o refletir e o sentir assumam um sentido único. É outra perspectiva filosófica, que valoriza em plenitude a ética e a filosofia de povos, antes desprezados em suas formas de conhecimento. Uma práxis, seja nos momentos de reflexão e contemplação, seja na prática cotidiana, por isso racional e emocional ao mesmo tempo.

⁵ Desmond Tutu, *No Future without Forgiveness*, Nova York: Doubleday, , 1999. Tradução do autor.

Quando expressões do comunitário e do ancestral são praticadas, os encontros ganham energia, assumem formas circulares, espiraladas. Em meio às rodas, às *peñas* e cirandas, com muita festa, em que todos se olham sem hierarquias, a cultura viva se mistura, trazendo jovens da cultura digital ao encontro de grupos de cultura tradicional e instigando a arte experimental e de vanguarda a se reinventar com as culturas de rua. Um caldeirão a unir povos indígenas e camponeses, de favelas e quebradas, acadêmicos e estudantes de grandes universidades, teatros de vizinhos, teatros nacionais e de experimentação, grandes museus e museus de vizinhança, bibliotecas comunitárias e grandes bibliotecas. Tudo cabe na cultura viva, desde que o objetivo seja a cultura do encontro, quebrando hierarquias culturais e construindo novas legitimidades, se reinventando e não tem medo do contato com o diferente.

Pela cultura do encontro surge a oportunidade de quebrarmos hierarquias culturais de dominação, semeando novas legitimidades, agora ombreadas entre o ancestral, o comunitário, o cosmopolita, o urbano, o popular, o erudito, o escrito, o oral, o acadêmico, o das instituições, o das ruas, o das pessoas, o das identidades, o das sociedades; a permanência e a ruptura. O objetivo? Um novo modelo civilizatório. Nada menos que isso. Um mundo com economia circular e solidária, compartilhada, sustentável, em processos de comércio justo, consumo consciente e trabalho colaborativo, com novos padrões de democracia e partilha de poder, de criatividade e invenção, de reciprocidade, de compaixão, de dádiva. É outro mundo possível – e ele é possível para já. Um mundo em que caibam outros mundos, como dizem os zapatistas.

É possível conviver. É possível ter menos para que todos tenham o suficiente e possam viver bem, em ambientes de equidade, fazendo prevalecer a reciprocidade, o respeito, a responsabilidade, a convivência, o dispor no lugar do impor. Cultura do encontro é cultura de paz e convivência; é cultura que se fortalece nas diferenças, traz o diferente para perto, escuta com sensibilidade, com o coração ao lado da razão. Cultura viva comunitária é aprender com o ser comunitário, com as sabedorias ancestrais, estando ao lado delas, junto com elas, que nos ofertam a seiva para o salto civilizatório de que o mundo tanto necessita. O mais incrível é que tudo isso já está acontecendo neste exato momento, sobretudo nos rincões mais olvidados de nossa América Latina. O desafio está em perceber, respeitar e reconhecer esses outros modos de *sentir/pensar/agir*. E aprender com eles, buscando fazer junto, em processos de troca equilibrada, que nascem na terra e

da terra, outrora conhecida como o Novo Mundo. A seiva para esse Novo Mundo já está fluindo de nossas raízes, atravessando o caule de uma frondosa árvore que há de florescer.

Segunda Parte⁶

É dia da Terra

Os alunos realizam limpeza nas margens do rio que passa ao lado, outros, os menores, estão tendo aula de compostagem. Mais ao lado, sob uma árvore, meninas ensaiam em violão. Me aproximo de um grupo que está tendo aula com um professor *comunero*, é como eles chamam os professores com saberes da comunidade. Ele abaixa e indica uma área no chão, em meio à grama. “Não existe erva daninha, todas têm um uso e um sentido”, diz aos alunos, apontando para uma erva em forma de trevo:

“essa *aznapa* indica que há água no subsolo. São as plantas que avisam se o solo é fértil. Há ervas que só nascem se há sal no solo. Aí vocês saberão que não adianta plantar”

O professor *comunero* fala sobre a força interior das plantas, a *anima*, o espírito presente em cada ser, fala sobre a energia. Caminhar no campo e ver outras formas de vida é o método de ensino no colégio Pukllasunchis (jogamos, em quéchuá), na cidade de Cusco. Um colégio regular, com educação infantil, ensino fundamental e médio, com forte recorte intercultural, e aulas em espanhol, inglês e quéchuá. Eles integram conhecimentos, por isso a presença de professores *comuneros*, ou da ancestralidade, ao lado de professores com currículo acadêmico, todos respeitados por igual, inclusive com salário no mesmo nível. Diz o professor:

“Perdemos a prática de estarmos atentos à natureza. E a natureza comunica, manda sinais. Se vem geada, chuva, seca, é só saber observar. É esse o meu papel aqui na escola”

Mais ao lado, há alunos construindo uma cabana, outros plantando árvores. Em uma das salas, ensaio da orquestra da escola, misturando instrumentos sinfônicos com flautas andinas. Em outra sala, matemática, ou *kipukamayuy*, em que aprendem conhecimentos matemáticos andinos, como os *quipus*. Entre as salas de aula, viveiro com plantas medicinais. Passeando pelo terreno de escola, muitos animais, de vicunhas a

⁶ Nessa segunda parte conto histórias do que vi, vivi e senti, coletadas ao longo de muitas viagens.

galinhas. Também as assembleias com os alunos, *rimanakuy*, conversemos. É dia da Terra.

Atravessando os Andes

Por terra, a 4 mil metros de altitude. Montanhas andinas, antes, glaciais, depois, nevadas. Agora, só pedra e terra preta. No topo do mundo se percebe o aquecimento global, apesar de frio para quem, como eu, vem de terras baixas. A neve permanece apenas nos picos mais elevados, mesmo sendo inverno. Nas poucas geleiras que restam, aproximar o ouvido é escutar uma sinfonia, em que, gota a gota, a água vai sendo destilada, até se transformar nos grandes rios da Amazônia, do Pantanal, do Prata. É a montanha gerando vida. Até quando?

O lago Titicaca também se encontra ameaçado. Berço da civilização andina, onde brotou uma cultura milenar. As ilhas flutuantes, os tecidos, a plantação de batata e quinoa. O povo Uro, que vive nas ilhas flutuantes, consegue designar nove diferentes nomes para a água, são nuances, como dos esquimós da Groenlândia, com sete diferentes designações para gelo. Sabedorias ameaçadas por ameaçada a fonte de sabedoria, que é o lago. Para eles, o lago é uma pessoa, e cada variação de nome para a água é como se estivessem se referindo a um tio, uma avó, um irmão. Essa relação de familiaridade que os andinos estabelecem com os entes da natureza altera a relação com os bens comuns. Para as sociedades modernas, a natureza é percebida apenas como um recurso inerte, inanimado; para os andinos, e para os povos ancestrais, a natureza é a própria família.

A maior cidade indígena do mundo, mais de 1 milhão de habitantes rodeando a capital da Bolívia, La Paz. Povos aimarás, quéchua, mineiros, tecelões, campônios, gente do altiplano e das terras baixas, como chiquitanos e guaranis. Uma profusão de cores, aromas e histórias, em que é quase possível tocar as montanhas. *Wayna Potosí*, *Illimani*, essas montanhas com mais neve, pois mais altas, mas que também começam a perder a cobertura de gelo milenar, mesmo estando a mais de 6 mil metros de altitude. Não há como acessar La Paz sem passar por El Alto, que paira sobre a capital, estando entre oitocentos e quatrocentos metros acima.

Para o pensamento ocidental, a despedida em relação a alguém com quem se pretende encontrar no dia seguinte acontece com a expressão “até amanhã”, ou, “*see you tomorrow*”, em inglês. Para os aimarás, é “até o dia de trás”, “*q’ipur kama*”. Os aimarás formam a mais numerosa população indígena da Bolívia; para eles, como para a maioria

dos povos originários, o tempo é o presente, e o futuro não fica adiante, estando vinculado ao passado. Em idioma aimará só é possível conjugar o verbo no futuro trazendo o passado para o presente. É o presente que dá sentido ao passado, construindo a possibilidade do que virá. Para esses povos o tempo não é linear, como uma sucessão de acontecimentos que vão morrendo no presente para dar lugar ao futuro, e sim algo vivo, cíclico, em que o próprio passado pode ser modificado. É esse deslocamento de perspectiva que permite um debate sobre o mundo presente projetado para o futuro a partir do passado.

Mesmo vivendo em um ambiente urbano, de grande cidade, os povos indígenas em El Alto mantêm suas tradições ancestrais, sobretudo no modo de vida, no modo de pensar. Uma dessas tradições são os rituais das *illas*, que acontecem depois da sementeira e antes da colheita. Mário Rodríguez, sociólogo, ativista cultural e amigo da cultura viva comunitária, em movimento espalhado por toda a América Latina, explica:

“A *illa* é algo que já é, sem ser o que já é, mas que já está sendo o que ainda não é. Seria a colheita que ainda não aconteceu, mas que já está sendo”

Pode parecer confuso a quem tem um modo de pensar ocidental, mais descolado da natureza, mas é simples. Ao iniciar uma plantação, com preparo da terra e sementeira, o processo de colheita já está acontecendo, isso porque a semente é vida, e a planta já se coloca em transformação. Para que a colheita aconteça, há que acompanhar o processo, pois o processo é a própria colheita, e não somente o ato de extrair o fruto da terra. Por isso, na cultura campesina ancestral, os festejos da colheita começam na pós-sementeira, porque a colheita não será, e sim, já é.

A partir da ancestralidade, e com os pés bem fincados no presente, vão sendo formulados os princípios do bem viver, ou viver bem, como se diz na Bolívia, *suma qamaña*, em aimará. O Bem Viver é uma forma de descolonização do pensamento. Mário Rodríguez complementa:

“É importante destacar que o bem viver é pensado não como um paradigma de futuro, mas sim como um horizonte que orienta nossa caminhada hoje. Quando falamos de horizonte, queremos dizer que não temos um projeto acabado a ser conquistado. O bem viver nos coloca sentidos, horizontes políticos e éticos, isso porque o bem viver não é possível sem a diversidade e a pluralidade.”

Falar de bem viver é falar a partir da mirada comunitária, de uma outra estrutura de pensamento, de outros horizontes de civilização e de percepção da convivência, da economia, da ciência, de processos de trabalho, da política e da ideia de poder. Sob a perspectiva do Bem Viver é equivocado deslocar a noção de “bem público” à esfera do Estado, pois isso faz com que se perca a noção dos bens comuns. Bem Viver, portanto, implica na luta política pela retomada dos “Bens Comuns” para a esfera comunitária, da vida, e não do Sistema Estado, e muito menos para o Sistema Mercado.

Quais bens comuns seriam esses?

O espaço público, as ruas, as praças, a saúde, a educação, a cultura, o ar, a água. Para os bolivianos é impensável a privatização da água, porque água é fonte de vida, como as florestas e as montanhas; seria o mesmo que alguém pretender privatizar o ar que se respira. Esse modo de pensar resulta em uma série de mudanças de paradigmas: do antropocentrismo para o biocentrismo; do patriarcalismo para a convivência e a complementaridade entre masculino e feminino; da competição para a colaboração; do Estado nacional para o Estado plurinacional; da centralização, verticalização e monopólio do poder para o comunitarismo exercido em processos mais horizontais e distribuídos; das deliberações centralizadas e de imposição decisória para processos de consenso progressivo e busca de entendimento; da economia capitalista para a economia da reciprocidade.

Na muitas vezes que caminhei pelas montanhas andinas, por *La Puna*, ou pelo Altiplano, percebi que na Bolívia se pensa o mundo desde a Bolívia:

“Se reconhecemos que o capitalismo destrói a vida, há que se buscar uma alternativa. É óbvio que um sistema como o capitalismo não pode ser mudado facilmente. Mas a Bolívia pode ser um país que, com relativa facilidade, poderia mudar de sistema. Por um lado, a Bolívia não está tão envolvida no sistema capitalista mundial como outras nações e, por outro lado, porque está vigente um sistema alternativo, que é a economia da reciprocidade⁷.

A economia da reciprocidade seria uma busca por equilíbrio entre propriedade estatal, propriedade privada e os bens comuns. No ambiente comunitário

⁷ Javier Medina, Pedro Brunhart e Roger Hugo Chavez, *El futuro será la reciprocidad con elementos del capitalismo: aplicación del vivir bien a la economía*. La Paz: Circulo Achocalla, 2012, p. 47.

prevalece a relação local e interpessoal. O modo de produção não é exatamente comum ou coletivista; pode ser, mas também pode não ser. Há a dimensão da propriedade comunal da terra, não privada e não estatal; na propriedade comunal da terra, para produção agrícola, por exemplo, o “dono” da terra é a comunidade, mas a produção é privada e seu resultado será de quem trabalhou na terra. Essa dimensão comunitária gera relações de maior equilíbrio, responsabilidade e função social da propriedade. O oposto do modo de produção capitalista, sobretudo quando exacerbado pelo neoliberalismo e seus valores subjacentes: competição, ganância, desconfiança, engano e traição, egoísmo e corrupções. Valores esses que vão impregnando e corrompendo a própria vida; corromperam, inclusive, o que seria o oposto do capitalismo, o socialismo. Com o socialismo, conforme aplicado no século XX, além de ter se deixado corromper por valores do sistema que pretendia eliminar, há que acrescentar a limitação da liberdade de empreender e de buscar soluções descentralizadas, posto que a economia planificada e centralizada resulta em pouca maleabilidade para o inusitado e a perda de controle.

Isso ocorre porque tanto capitalismo como socialismo são sistemas econômicos em que o modo de produção é que determina a forma de pensar. No comunitário, vida privada, produção e ancestralidade se mesclam. É a forma de pensar que determina a forma de produzir. Vida, trabalho e espírito são uma coisa só. Vínculos não alienados, entrelaçados, gerando relações de compromisso com a comunidade, confiança, respeito, honradez (o sagrado da palavra), cooperação, solidariedade e partilha. A economia da reciprocidade depende do resgate e fortalecimento desses valores, e os promove.

Há também problemas, uma vez que, no comunitário, prevalece o local e a relação pessoal, familiar, e tudo de negativo que também advém dessas relações: inveja, fofocas, brigas entre famílias, vingança e toda sorte de mesquinhas que podem envenenar uma comunidade. O desafio que as entidades comunitárias da Bolívia se colocaram tem sido encontrar, na cotidianidade, o ponto de equilíbrio e mediação que permita incorporar vantagens de diversos sistemas (capitalismo, socialismo, comunitarismo), eliminando, ou reduzindo significativamente, suas desvantagens e defeitos.

A economia da reciprocidade também não é apresentada como a única forma de economia, a substituir as demais. Ao contrário, é percebida enquanto economia de coexistência, e não somente com elementos dos sistemas capitalista e socialista, mas com outras formas de economia, essas ainda mais próximas e complementares à economia da

reciprocidade, como economia solidária, economia do compartilhamento, economia da dádiva. Dessa combinação entre elementos econômicos distintos está surgindo outro sistema, mais imbricado com a lógica da vida, do comum, da partilha e da fraternidade. Mas esse ainda será um longo processo de metamorfose a ser analisado pelos historiadores no futuro. Agora cabe jogar luz ao que já é.

Até o dia de trás, *q'ipur kama*. Terminei o artigo lembrando de uma noite fria na cidade do “eterno inverno”, El Alto/Bolívia, em um Café Concerto na sede do grupo Wayna Tambo, em que fui registrando reflexões sobre o Bem Viver. O ingresso dava direito a comidas andinas, preparadas por Marisol Díaz, cantora, compositora e filha de camponeses em Cochabamba. Mesas cheias, sessenta pessoas no local. Programa da noite: concerto de *jazz*, com o grupo Aymuray. Bateria, contrabaixo, flauta e saxofone, piano e teclados, em *jazz fusion*. Marisol começa a cantar em diálogo sonoro com as sementes:

Qeñwa sach'a mayta rinki

Árbol de kewiña, a dónde vas?

(Árvore de *kewiña*⁸, para onde está indo?)

Qeñwa sach'a chinkasanki

Árbol de kewiña, estás desapareciendo

(Árvore de *kewiña*, você está desaparecendo)

Tatayku Illapa watusunqa

Nuestro padre Illapa te va a echar de menos

(Nosso pai Illapa⁹ vai sentir sua falta)

Jukumari pis maypi tianqa

Y el jukumari, dónde va a vivir el jukumari?

(E o *jukumari*¹⁰, onde vai viver?)

[...]

⁸ *Kewiña*: árvore da região de Cochabamba.

⁹ Illapa: deus andino da chuva.

¹⁰ O *jukumari* é um urso que habita os Andes.

Em El Alto, o *jazz* acontece na fusão do idioma quéchua com espanhol; e neste artigo, acrescentando o português. Um encontro com um coletivo sonoro que se propõe a recuperar a raiz e a essência dos ritmos do altiplano, estabelecendo um diálogo com o mundo, com o encontro entre culturas. Para eles, passado é raiz, e futuro é fruto, em uma lógica da abundância, nunca da escassez. Abundância expressa também em uma viagem musical executada na voz do feminino rebelde, como em um ritual festivo de celebração da fertilidade. A fertilidade do Bem Viver.

Wiphala

Uma marcha do povo qolla, defendendo suas raízes e direitos:

“- Queremos nossa natureza! A Santa Terra é Pachamama!”

Gritam palavras de ordem pelas ruas da cidade de Jujuy. É a terra árida, a montanha e a proximidade com o céu que definem onde está o coração deles. Por isso resistem em suas terras. Os qolla são um povo de origem aimará, que vive no norte da Argentina, na província de Jujuy. Em 2017 seguem em luta, como sempre estiveram desde a colonização, pelo direito à vida em seus territórios. Rechaçam a exploração do lítio em Salinas Grandes, o grande deserto de sal, e exigem o efetivo cumprimento da educação bilíngue. Lutam pela consulta prévia aos povos ancestrais e repudiam a crescente criminalização dos protestos dos povos originários. Prosseguem em marcha:

*“Desde la Puna hasta Jujuy, la Nación Qolla el poder retomará!”*¹²

No ato erguem bem alto a sua bandeira ancestral, a Wiphala. O cacique do povo atacameño, Alfredo Casimiro, também carrega a bandeira. Ele já esteve no Brasil, em um encontro com a rede de Pontos de Cultura, Thydêwá (Índios On-Line), na Bahia. Nesse encontro realizaram rituais pela Mãe Terra em seus diversos nomes, junto aos povos tupinambá, pataxó, cariri-xocó e pancararu. Alfredo Casimiro busca reconstruir as pegadas ancestrais de seu povo, resgatando medicinas, cantos, formas de falar:

¹¹ “Árbol de kewiña” (letra de Marisol Díaz e música de Freddy Mendizabal).

¹² De La Puna a Jujuy, a Nação Qolla o poder retomará.

“Vivemos em uma zona muito brava, há frio, vento, não é fácil viver aqui. Somos pedaço da Pachamama, *pedacito de tierra*, e voltaremos a ser terra. Temos picos altos, picos mais baixos, planura, vertentes de água. Se não cuidarmos, logo haverá guerra por um *vasito* de água”.

La Puna argentina, terra alta e árida. Montanhas com 6 mil metros de altitude, florestas de cactos gigantes, desertos de sal, estepes. Lugar em que a terra se aproxima do céu e o sol chega com mais força, zona de ar rarefeito, profunda secura e muita luz. A luz. Nessa parte do mundo, as montanhas são coloridas, como em arco-íris. Numa mesma montanha, as cores: verde, mostarda, chumbo, ocre, negro, branco, azul, e todas as variações do arco-íris. Muita pedra, muita areia, muita poeira, muito vento. Uma imensa placa de sal se estendendo por 120 quilômetros quadrados, Salinas Grandes. Cloretos, sulfatos, boratos, nitratos, brotando do fundo da terra, formando uma infinita manta branca sobre a água salgada que, de tão salgada, nem permite vida. Os gases dando existência à geometria sagrada no deserto de sal, a flor da vida e suas formas de criação e consciência. Esse ambiente árido e elevado atravessa o Salar de Uyuni, na Bolívia, passa por Potosí, alcança Puno, no Peru, e, no lago Titicaca, bifurca para La Paz e Cusco, cada qual de um lado da cordilheira. Uma zona só, física e humana, o altiplano. Um mundo unido por uma bandeira: Wiphala.

Wiphala é o emblema da nação andina, que dá sentido de coletividade, mais até que uma bandeira. É a fusão entre Pachakama, o cosmo, o início e o fim universal, e Pachamama, a mãe, a Terra. Uma bandeira com 49 quadrados coloridos, formando os quatro cantos do mundo. Espaço, tempo, energia, planeta. A unidade e a diversidade em uma só bandeira de sete cores. O dual e o complementar. A fertilidade, a união, a transformação e os sentidos. O sol, o dia, a noite, a lua. O vermelho representando o planeta. O laranja, a cultura. O amarelo, a energia e a força. O branco, o tempo e a transformação. O verde, o solo e o subsolo, a economia e tudo que a Mãe Terra fornece. O azul, o infinito, o cosmo. A cor violeta, o comunitário, o harmônico. A bandeira do arco-íris, a aliança dos humanos com Deus e com todos os seres que os cercam, é a mensagem da Whipala. Idem na tradição judaico-cristã:

“Então Deus disse a Noé e a seus filhos que estavam com ele:
‘Vou estabelecer a minha aliança com vocês e com seus futuros descendentes; e com todo ser vivo que está com vocês: as aves, os rebanhos domésticos e os animais selvagens, todos os que

saírem da arca com vocês, todos os seres vivos da terra. Estabeleço uma aliança com vocês: Nunca mais será ceifada nenhuma forma de vida pelas águas do dilúvio, nunca mais haverá dilúvio para destruir a Terra'. E Deus prosseguiu: 'Este é o sinal da aliança que estou fazendo entre mim e vocês e com todos os seres vivos que estão com vocês, para todas as gerações futuras: o meu arco que coloquei nas nuvens. Será o sinal de minha aliança com a Terra. Quando eu trouxer nuvens sobre a Terra e nelas aparecer o arco-íris, então me lembrarei de minha aliança com vocês e com os seres vivos de todas as espécies. Nunca mais as águas se tornarão dilúvio para destruir toda forma de vida. Toda vez que o arco-íris estiver nas nuvens, olharei para ele e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de todas as espécies que vivem na Terra'¹³.

A diferença e a semelhança entre a aliança estabelecida a partir do arco-íris no céu e o arco-íris na bandeira é que, no caso dos povos andinos, eles conseguiram traduzir essa aliança em forma e conteúdo. Nunca houve a separação entre humanos e demais seres. No Gênesis resta claro que o arco-íris é símbolo de uma “aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de todas as espécies que vivem na Terra”. A separação e a distinção entre humanos e demais seres é um desvirtuamento do desejo de Deus, que a tradição ocidental exacerbou, sobretudo em sua fase atual. Como consequência, vivemos os desarranjos ambientais e climáticos que afetam todo o mundo. Com os andinos, essa necessidade de convivência e irmandade dos humanos com os demais seres foi percebida desde sempre e tem sido mantida dessa forma até os dias atuais.

Recentes pesquisas genéticas demonstram que toda a população originária dos Andes carrega DNA similar, com base em um povo que habita o lago Titicaca, os uros. Na tradição oral do povo uro é possível encontrar história semelhante à passagem bíblica do dilúvio. Em achados arqueológicos também se sabe que os mais antigos vestígios da Wiphala foram encontrados em Tiahuanaco, a milenar civilização andina, que precede os incas em muitos séculos, situada próxima ao lago Titicaca, o mais elevado lago navegável do mundo, com 200 quilômetros de comprimento e 70 de largura. Contam os uros que, antes do lago Titicaca, havia um vale fértil, tão fértil quanto um paraíso,

¹³ Gênesis 9:8-17.

permitindo que o povo pudesse desfrutar de grande prosperidade. Com o tempo essa prosperidade resultou em acumulação e fez com que os homens desafiassem o poder do criador, Inti, o deus-sol. Inti alertou aquele povo, mandando emissários, mas de nada adiantou, de tão enfeitiçados que estavam por suas ganâncias. Até que o último dos reis reuniu todos os seus guerreiros e subiu a montanha para desafiar o poder de Inti. Tal foi a reação de indignação do deus-sol que ele ordenou a todos os jaguares da cordilheira que destruíssem a humanidade, seus filhos. Foi uma cena pavorosa, com jaguares enfurecidos estraçalhando os humanos. De tão horripilante a cena, Inti foi ficando triste, tão triste que chorou durante quarenta dias e quarenta noites sem parar. Suas lágrimas inundaram o vale onde a vida começou e deram origem ao lago Titicaca. Antes do morticínio exterminar todos, Inti salva um casal, a quem atribui a responsabilidade de cuidar dos demais seres, incluindo as montanhas, as águas, os animais, os bosques e os vegetais. A diferença entre as sociedades modernas e os uros é que esses guardaram o ensinamento e o aplicam cotidianamente.

Wiphala é resultado da fusão de duas palavras, *wiphay*, o estar alegre, em êxtase, e *iaphaqi*, carregar ao vento um objeto flexível. Wiphala seria, portanto, o sonho, a alegria e a honra em conduzir a bandeira.

A bandeira, com 49 quadrados e sete cores, tem uma linha que a atravessa e a divide na diagonal. Nesta diagonal todos os sete quadrados levam uma única cor, o branco, que representa o tempo e a transformação. Essa carreira de cores brancas leva o nome de *taypi*, que significa “lugar de encontro”, ou “lugar de recuperação do equilíbrio”. O *taypi* funciona como mediador entre duas partes diferentes, que são complementares. As demais cores são distribuídas entre um lado e outro da diagonal, de modo que os quadrados nunca estão todos de um lado só. Assim, vermelho e violeta, em campos separados, levam quatro quadrados de um lado e três de outro; azul e laranja, cinco de um lado e dois de outro; azul e amarelo, seis de um lado e um de outro. Os quadrados se complementam como em um espelho, só que em cores diferentes. Para compreender a wiphala é necessário ter a noção de que não existem absolutos. Nem a lógica ocidental do “falso-verdadeiro”. Para os povos andinos, e demais povos de cultura ancestral, não existe a noção de pares que se neutralizam mutuamente, um opondo-se a outro. O sim não nega o não, ao contrário, se complementam. É essa complementariedade que possibilita a reprodução da vida.

Quando em conversa com camponeses e povos tradicionais, é possível perceber claramente forma de pensar; pelo diálogo, pelas respostas: “*sí, pero no*”, “*no*,

pero sí". No mundo ameríndio, a pessoa pode ter uma certeza e também uma dúvida, que coexistem, nunca as tendo na totalidade. Wiphala, a bandeira que é e que não é. A bandeira que é sonho, alegria e honra pelo Bem Viver.

Célio Turino – Historiador, escritor e consultor em políticas públicas. Tendo trabalhado por 40 anos como servidor público, idealizou e implantou diversas políticas públicas, entre as quais, os Pontos de Cultura e a Cultura Viva. Autor de mais de um centena de artigos e ensaios e diversos livros, publicados no Brasil e no exterior, entre os quais: NA TRILHA DE MACUNAÍMA – ócio e trabalho na cidade (SENAC/SESC 2005); PONTO DE CULTURA – o Brasil de baixo para cima (ANITA GARIBALDI, 2009). Este artigo é adaptado de capítulos do livro de sua autoria, POR TODOS OS CAMINHOS – Pontos de Cultura na América Latina (SESC, 2020, no prelo).